

# OS INTELLECTUAIS E O DISCURSO SOBRE A SAÚDE NOS JORNAIS E PERIÓDICOS SANJOANENSES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

## INTELLECTUALS AND DISCOURSE ABOUT HEALTH IN SANJOANENSE NEWSPAPERS AND PERIODICALS AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY

Alice Conceição Christóforo<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem como proposta apresentar reflexões sobre a produção e circulação dos discursos sobre saúde em São João Del Rei/MG nas três primeiras décadas do século XX, contribuindo assim para uma perspectiva mais ampliada de educação voltada à medicina social e controle das populações. No final do século XIX São João Del Rei contava com inúmeros jornais e periódicos que circulavam na cidade e fora dela, o que representou um viveiro intelectual em uma cidade que, com histórico de entreposto comercial, despontava também como referência cultural. Entre os anos de 1827 e 1897, foram contabilizados 41 periódicos que foram produzidos e circularam em São João Del Rei. Ao se analisar o recorte de 1829 e a 1938, foram encontrados mais de 100 jornais e periódicos sanjoanenses produzidos por gráficas e pequenos núcleos de escritores, professores e jornalistas, o que indica que o número de publicações dobrou. Assim, será possível compreender a formação de uma identidade urbana que influenciou diretamente na estrutura da cidade, principalmente nos processos de educação informal da população com relação à saúde. Tal trabalho é parte do projeto intitulado *A História intelectual de São João Del Rei: professores, escritores e literatos*, que busca mapear a existência dos chamados “intelectuais” na cidade de São João Del Rei nas três primeiras décadas do século XX e sua relação com os processos de escolarização no município.

---

<sup>1</sup> Mestrado em Educação.

Serão utilizadas como bases teórico-metodológicas as contribuições de Michel Foucault e Sirinelli para a compreensão sobre os discursos e a intelectualidade que se formavam naquele período.

### **Abstract**

The present work aims to present reflections on the production and circulation of discourses about health in São João Del Rei/MG in the first three decades of the 20th century, thus contributing to a broader perspective of education focused on social medicine and population control. At the end of the 19th century, São João Del Rei had numerous newspapers and periodicals that circulated in the city and beyond, which represented an intellectual hotbed in a city that, with a history as a commercial warehouse, also emerged as a cultural reference. Between the years 1827 and 1897, 41 periodicals were recorded that were produced and circulated in São João Del Rei. When analyzing the clippings from 1829 and 1938, more than 100 newspapers and periodicals from Sanjoanense produced by printing houses and small centers of writers, teachers and journalists, which indicates that the number of publications has doubled. Thus, it will be possible to understand the formation of an urban identity that directly influenced the structure of the city, mainly in the processes of informal education of the population in relation to health. This work is part of the project entitled The intellectual history of São João Del Rei: teachers, writers and literati, which seeks to map the existence of so-called “intellectuals” in the city of São João Del Rei in the first three decades of the 20th century and their relationship with the schooling processes in the municipality. The contributions of Michel Foucault and Sirinelli to understanding the discourses and intellectuality that were being formed in that period will be used as theoretical-methodological bases.

### **Introdução**

É sabido entre as diversas áreas das Ciências Sociais que a imprensa se trata de um espaço privilegiado de circulação de conhecimentos, idéias e saberes. O presente trabalho tem por objetivo apresentar reflexões sobre a produção e circulação dos discursos sobre saúde e higiene em São João Del Rei/MG nas três primeiras décadas do século XX, contribuindo assim para uma perspectiva mais ampliada de educação voltada à medicina social e controle das populações.

A Historiografia da Educação Brasileira apresentou, nas últimas décadas, uma expansão tanto no número de publicações quanto na pulverização dos temas abordados, reflexo do fortalecimento de grupos de pesquisa vinculados aos programas de pesquisa em graduação e pós-graduação. Com isso, o retorno à discussão das categorias consagradas, objetos e fontes, revisitados agora com perspectivas mais arrojadas e problematizações mais complexificadas, proporcionou novas perspectivas à leitura dos tempos, modos, sujeitos e espaços onde a educação formal ou não formal se constituiu.

A categoria “intelectual” passou a compor um dos objetos de discussão nesse movimento, possibilitando aos historiadores da educação repensar o papel de sujeitos que antes vistos sob o olhar da historiografia tradicional, se destacavam na sociedade por algum feito ou alguma ação no campo político, educacional ou social. A contribuição da historiografia da educação francesa, interessada pelas sociabilidades, pelos laços de amizade e pelos espaços de circulação desses sujeitos possibilitou, sobremaneira, novas ferramentas para a análise da construção do que se chamou de “intelectual”.

Tais sujeitos contribuíram para a formação de espaços de produção, circulação e mediação de saberes, conhecimentos e opiniões, se relacionando com a estrutura escolar existente, o que influenciou diretamente na formação de uma identidade urbana através de lugares de cultura, tais como a escola e a Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida. Tais relações ajudaram a definir os contornos da cultura do município, principalmente com relação às modalidades de educação formais.

Os espaços dos jornais, revistas, academias ou grêmios literários e bibliotecas indicam a existência desses sujeitos e seu engajamento social, o que pode ter colaborado para uma maior aproximação dos mesmos com uma cultura intelectual privilegiada, possibilitando assim a mediação desses saberes com o processo de escolarização da população.

São João Del Rei apresentou crescimento da atividade de imprensa no século XIX com a publicação de inúmeros jornais e periódicos, os quais passaram a circular não só na cidade mas também nos grandes centros urbanos, a exemplo do Jornal Astro de Minas. Doze jornais foram produzidos e publicados entre os anos de 1827 e 1844, o que representou um viveiro intelectual em uma cidade que, com histórico de entreposto comercial, despontava também como referência cultural.

Entre os anos de 1827 e 1897, foram contabilizados 41 periódicos que foram produzidos e circularam em São João Del Rei. Ao se analisar o recorte de 1829 e a 1938,

foram encontrados mais de 100 jornais e periódicos sanjoanenses produzidos por gráficas e pequenos núcleos de escritores, professores e jornalistas, o que indica que o número de publicações dobrou.

Mapear os sujeitos que participaram da escrita, editoração e que proporcionaram as condições para a existência dos jornais e qual sua relação com a circulação sobre os discursos da saúde em São João Del Rei no início do século XX pode apontar as idéias que permearam os processos de formação da cultura e identidade da cidade através da mediação de saberes.

Ao considerar as revistas, jornais, academias literárias e bibliotecas como espaço privilegiado de observação da circulação das idéias, Sirinelli apontou que “ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são um lugar precioso para a análise dos movimentos das idéias” (SIRINELLI, 2003, p. 249). As pesquisas realizadas por Sirinelli poderão colaborar para a compreensão das sociabilidades e do associativismo entre os professores, escritores e literatos de São João Del Rei no recorte eleito e por isso, a perspectiva de uma história intelectual será adotada como referencial para a leitura das fontes.

De acordo com Elias (1994), a sociedade é formada por indivíduos que se relacionam, formando redes que são dinâmicas e que se modificam constantemente, não havendo uma condição fixa de interação social. Ao exemplificar a formação dessas redes, o autor faz uma aproximação do que seria a formação de um tecido:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede, nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e sua função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira (ELIAS, 1994, p. 35).

Essa concepção mostra que cada indivíduo, como um fio, está submetido às tensões que a rede proporciona, formando um “tecido social”. Elias (1994) deixa claro que é impossível apreender o movimento do social mediante um modelo estático, justamente pela forma como os indivíduos se inter-relacionam constantemente,

assumindo posições e criando relações entre si com finalidades específicas, conscientes ou não.

Assim, os professores, escritores e literatos estavam submetidos ao que chamamos de sociação: reunidos de acordo com seus interesses e movidos pela causalidade, em direção à expressão de suas idéias. O que ocorre, entretanto, que com a proximidade desses sujeitos nos espaços por onde circulavam proporcionava a criação de laços pela convivência pelo contato e pela criação de vínculos interpessoais.

Com isso, havia a circulação de bens simbólicos ou materiais, tais como presentes, cartas, convites e festas, além da necessidade de se associarem, conviverem, se divertirem e até mesmo criarem espaços físicos onde eram reconhecidos pelos seus pares. Para além do conteúdo específico de relações, há também a satisfação da convivência, a felicidade grupal. Tal fenômeno social Simmel (2006) reconhece como sociabilidade:

(...) todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. Esse impulso leva essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação em particular. Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade das coisas que lhe aparecem, configurando-as como específica e correspondente a esse impulso, o “impulso de sociabilidade”, em sua pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso. (SIMMEL, 2006, p. 64)

As formas de sociabilidade entre os intelectuais podem ter conduzido à criação de um “viveiro associativo” em São João Del Rei, que de acordo com Sirinelli (1998) corresponde a um espaço de vivência conjunta e que nas elites possibilita a fermentação de idéias e a mediação cultural. Mas, segundo o autor, para compreender a história social das elites é necessário que sejam observadas as três práticas de inserção e convivência nesse viveiro associativo: recrutamento, conhecimento e estratificação. Tal perspectiva de análise alarga os horizontes de compreensão das sociabilidades entre as elites intelectuais.

O autor esclarece que o recrutamento possibilita o entendimento da morfologia das elites em uma dada época, enquanto o reconhecimento fornece elementos para observar os estatutos de pertencimento e autoreconhecimento. Já a estratificação aponta para os

possíveis níveis de revezamentos que acontecem nas elites culturais: as elites culturais se alternam nas gerações e no processo de transmissão de poder intelectual.

O associativismo, possivelmente constituído através das sociabilidades, pode apresentar essas três categorias de ação. Faz-se necessário observar a forma como os estudantes eram recrutados, reconhecidos e que, de acordo com seus itinerários, se estratificavam para que a formação de uma elite intelectual matizada pelo pertencimento aos espaços de circulação e produção de saberes, a qual passou a realizar influência nos pares e na sociedade, e ainda produzia, transmitia e mediava cultura.

A pesquisadora Ângela de Castro Gomes (1993), no texto *Essa Gente do Rio...os intelectuais cariocas e o Modernismo* fez importantes considerações acerca da percepção movimentação dos intelectuais cariocas nas décadas de 1910 e 1920 e as sociabilidades formadas pelos sujeitos que compunham aquele micro-clima. Da mesma forma que aponta Sirinelli (2003), Gomes observou que grupos de intelectuais compuseram a paisagem ideológica do período da Semana da Arte Moderna se caracterizavam por um número de indivíduos que se relacionavam em um “convívio intermediário entre a família e a comunidade cívica obrigatória” (GOMES, 1993, p. 03).

Sirinelli (1998) ao estudar as redes formadas entre as elites intelectuais, defende que um micro-clima intelectual poderá se transformar em “zona de altas pressões intelectuais” (SIRINELLI, 1998, p. 272). Pensar sob esse aspecto envolve também refletir sobre a possibilidade de uma geração de intelectuais formada nos espaços de sociabilidade sanjoanenses.. Sirinelli (1986) questionou a construção do conceito de geração, demonstrando que geralmente se entende uma geração por um grupo de indivíduos de uma mesma idade. No entanto, segundo o autor, para se considerar uma geração, deverão ser analisados os aspectos relacionados à condição econômica, profissional, de escolarização e social dos sujeitos, além de elementos referentes às tradições e localização geográfica. Não apenas um fato histórico marca uma geração:

Uma geração intelectual pode, em primeiro lugar, derivar do encontro de jovens estudantes ou do limiar de trocas culturais com um evento ou uma crise de fundação, resultando em um espaço comum das sensibilidades: a guerra, por exemplo, ou uma perturbação da comunidade nacional (...). Tal definição que se coloca é muito turva, porque estas crises não afetam uma faixa etária, mas o todo. Isso seria esquecer que um evento poderia ser na geração um gerador para aqueles que não foram expostos a um evento prévio. (SIRINELLI, 1986, p. 106)

Ora, se mobilizamos a geração como uma categoria de compreensão da história dos intelectuais, é preciso que se considere que um intelectual se situa em um grupo no seu tempo, conforme suas escolhas e de acordo com as sociabilidades que ele constitui. Por isso, quando analisamos a problemática que se anuncia nesta pesquisa, é importante inicialmente que se observem quais os discursos sobre a saúde que passaram a circular em São João del Rei no período eleito, o que poderá fornecer indícios de que os mesmos podem ter constituído uma massa discursiva de uma geração que apesar das diferenças de idade, se agruparam em torno de lugares comuns – os editoriais das revistas e jornais, a Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida – e que influenciaram, através das escolas e na formação do ideário da população, na formação de uma identidade cultural na cidade de São João Del Rei principalmente voltada à saúde.

### **A saúde como composição do discurso intelectual**

A saúde e a doença não são conceitos claramente definidos. Deve ser situada historicamente e compreendida conforme as relações na sociedade e sua movimentação pelos contextos que se formam e se transformam a partir dessas relações. O que define suas molduras, seus contornos, seus entendimentos e suas interpretações são os enunciados que constituem os saberes sobre o que é ser saudável ou doente por meio das formações discursivas e das práticas correlativas.

O estudo de Michel Foucault (1993) narra essas modificações na compreensão e tratamento dispensado aos pobres, doentes e loucos a partir do século XVII, dando destaque para o entendimento do que seria a pobreza, a doença e a relação destas com a sociedade. Em *História da Loucura*, o autor mostrou que, naquela época, os pobres e os loucos eram tratados pela sociedade de forma parecida: havia casas de internamento que acolhiam os pobres, os desempregados, os correccionários e os insanos.

Segundo Foucault (1993), o Hospital Geral de Paris, a partir de 1656, ficou conhecido por “recolher, alojar, alimentar aqueles que se apresentam de espontânea vontade, ou aqueles que para lá são encaminhados pela autoridade real ou judiciária” (p. 49).

Além dos hospitais, havia também casas de caridade, organizadas principalmente pelas parcelas mais ricas da sociedade nas cidades, que se destinavam ao auxílio dos pobres, loucos, desvalidos, doentes ou aqueles que precisavam de abrigo. Essas casas

de caridade também recebiam donativos reais com a participação da igreja em sua gerência.<sup>2</sup>

A intenção de criar essas casas de acolhimento, além de afastar os pobres e os indesejados do convívio com a sociedade no século XVII, tinha outras funções:

Nessas instituições também veem-se misturar, muitas vezes não sem conflitos, os velhos privilégios da igreja na assistência aos pobres e nos ritos da hospitalidade, e a preocupação burguesa de pôr em ordem o mundo da miséria; e o desejo de ajudar e a necessidade de reprimir; o dever de caridade e a vontade de punir; toda uma prática equívoca cujo sentido é necessário isolar, sentido simbolizado sem dúvida por esses leprosários, vazios desde a Renascença, mas repentinamente reativados no século XVII e que foram rearmados com obscuros poderes (p. 53).

A reativação dos prédios antes destinados aos leprosários, que, segundo Foucault (1993), desde a Renascença estavam inabitados, demonstra a necessidade de criar uma ordem pública que reunisse as ações de auxílio e punição. O auxílio se dava pelos ideais de caridade, que, desde a Idade Média, eram praticados pela Igreja. Já as ações de punição destinavam-se a reprimir as manifestações individuais que pudessem gerar desordem.

Para Foucault (2005), nesse período, o governo era representado pelo rei ou soberano, que tinha total domínio sobre as pessoas:

Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam esses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia de disciplinar do trabalho. Ela se instala já no final do século XVII e no decorrer do século XVIII (p. 288).

Percebe-se que os tipos de pacientes (loucos, pobres, criminosos, doentes, desvalidos) tinham uma relação estreita entre si no entendimento da sociedade da época: significavam uma ameaça à ordem social e deveriam ficar recolhidos, longe do público,

---

<sup>2</sup> Michel Foucault (1993) cita vários exemplos de casas de caridade que existiram na França no século XVII; dentre elas, a Sociedade São Vicente de Paulo, que surgiu em 1632. Vicente de Paulo reorganizou o leprosário Saint-Lazare, em Paris, recebendo a ajuda da Igreja Católica. Esse estabelecimento passou a receber pessoas detidas; dentre elas, os loucos e os pobres que poderiam ameaçar a ordem.

controlados dentro dos hospitais e das casas de recolhimento, onde poderiam até trabalhar.

Ao mesmo tempo em que precisavam ser assistidos, alimentados, sustentados, necessitavam também ser corrigidos. A mistura entre esses tipos de pessoas circulando dentro das cidades poderia gerar incômodo; por isso, era necessário que ficassem em um lugar específico onde pudessem sobreviver, e não atrapalhar a ordem das cidades. O ato de tirar as pessoas de circulação estaria vinculado à manutenção da segurança da população das cidades, o que se constituiu um problema no século XVII:

[...] era um problema bem diferente: não mais estabelecer e marcar território, mas deixar as circulações se fazerem, controlar as circulações, separar as boas e as ruins, fazer com que as coisas se mexam, se desloquem sem cessar, que as coisas vão perpetuamente de um ponto a outro, mas de uma maneira tal que os perigos inerentes a essa circulação sejam anulados. Não mais segurança do príncipe e do seu território, mas segurança da população e por conseguinte, dos que governam (FOUCAULT, 2008b, p. 85).

Segundo Foucault (2008b, p. 38-42), nesse período, o governo soberano tinha funções de regular a circulação, tanto de pessoas, como de mercadorias, de recursos. A territorialização das cidades, com a separação dos espaços, garantia uma economia geral de poder que procurava controlar as ações dos indivíduos de acordo com as técnicas de governo que estavam em uso na época. Por isso, o trabalho garantiria uma função de controle sobre os indivíduos, que, além de conduzir seus corpos retirando-os dos vícios do ócio, conduzia também os seus comportamentos.

Nas casas de caridade e hospitais, os pobres e doentes passaram a executar atividades relacionadas ao trabalho, para que fossem reprimidas as agitações sociais que poderiam ocasionar caso permanecessem ociosos. Os pobres, criminosos, doentes e loucos foram, então, separados: os pobres poderiam realizar algum tipo de trabalho, enquanto os outros, por opção ou por impossibilidade, não poderiam trabalhar.

O pobre e o doente passaram a estar relacionados a uma sujeição moral, de forma que a ociosidade e a vacância equivaliam a vícios que poderiam ser perigosos para a sociedade.

Em meados do século XVIII, de acordo com Foucault (1993), foram encontradas passagens na Europa de preocupação com a manutenção dos pobres e dos doentes.<sup>3</sup> Gradativamente, o sujeito nesse estado (pobre e doente) passou a ser compreendido também como uma questão econômica, principalmente com o crescimento das cidades e das indústrias ao final do século XVIII.

A partir do fim do século XVIII e início do século XIX, os doentes passaram a ser pensados como uma população, uma massa de indivíduos, entendida como um corpo que tinha relações dentro da sociedade e que não poderia ser apenas recolhido, enclausurado em alguma instituição. Para Foucault (1993), naquele momento, estabeleceu-se uma relação inversa entre doença, pobreza e população:

De um lado há a *Pobreza*: rarefação dos gêneros alimentícios, situação econômica ligada ao estado do comércio, da agricultura, da indústria. Do outro, há a *População*: não um elemento passivo submetido às flutuações da riqueza, mas a força que faz parte, e diretamente, da situação econômica, do movimento produtor de riquezas, uma vez que é o trabalho do homem que a cria, ou pelo menos a transmite, desloca e multiplica. O 'Pobre' era uma noção confusa, onde se misturava essa riqueza que é o Homem e o Estado de Necessidade que se reconhece como essencial para a humanidade (p. 406).

Entretanto, é necessário compreender o sentido do termo população que Foucault emprega. Na obra *Segurança, Território e População* (2008b), o autor procurou compreender o problema da população na passagem dos séculos XVII a XIX. Até o século XVII, a noção de população era relacionada com a noção de povoamento de um território. O soberano governava o número de seus súditos, e não uma população de súditos.

No fim do século XVII, com as práticas mercantilistas e o crescimento das cidades, o conjunto de indivíduos passou a ser entendido como um grupo que participava da dinâmica do Estado e do poder do soberano. Esse grupo ou população teria a função de se constituir em mão de obra e, com isso, era “adestrada, repartida, distribuída, fixada de acordo com mecanismos disciplinares. População, princípio de riqueza, força produtiva, mecanismo disciplinar” (FOUCAULT, 2008b, p. 91).

---

<sup>3</sup> O autor cita a criação de 80 casas denominadas “depósitos de mendigos”, onde os pobres deveriam permanecer ora sendo tratados quando doentes, ora trabalhando quando considerados “indigentes válidos” ou ainda sendo corrigidos caso se recusassem a trabalhar (FOUCAULT, 1993, p. 402).

Os fisiocratas<sup>4</sup> no século XVIII trouxeram outra noção de população: além de um conjunto, era um grupo de indivíduos que dependiam de um desejo geral e de uma dependência de variáveis (clima, entorno material, hábitos das pessoas, valores morais e religiosos, meios de subsistência e trabalho). A população passou a ser entendida como

[...] um conjunto de elementos, no interior do qual podem-se notar constantes e regularidades até nos acidentes, no interior do qual pode-se identificar o universal do desejo produzindo regularmente o benefício de todos e a propósito do qual pode-se identificar certo número de variáveis de que ele depende e que são capazes de modificá-la. [...] A população é, portanto, de um lado, a espécie humana, e de outro, o que se chama de público. O público, noção capital do século XVIII, é a população considerada do ponto de vista de suas opiniões, das suas maneiras de fazer, dos seus comportamentos, dos seus hábitos, dos seus temores, dos seus preconceitos, das suas exigências, é aquilo sobre o que se age por meio da educação, das campanhas, dos convencimentos. A população é, portanto, tudo o que vai se estender do arraigamento biológico pela espécie à superfície de contato oferecida pelo público (FOUCAULT, 2008b, p. 97-98)

Pode-se perceber que nessa definição de população há uma dimensão biológica e funcional do grupo formado pelas pessoas em torno de variáveis comuns, opiniões, comportamentos, atividades, sentimentos, que passa por um processo de educação, mesmo que informal: a educação familiar e dentro do grupo, as campanhas públicas e os convencimentos pessoais e do meio social.

Os pobres e doentes passaram a ser entendidos como população quando o comportamento geral desse grupo passou a ser classificado como moral ou não. Suas atividades e sentimentos gerais passaram a ser percebidos e, mais que isso, passaram a ser vistos como uma população que poderia oferecer riscos tanto à ordem quanto à saúde da sociedade em geral.

A perda do controle sobre a multidão dos pobres e doentes, principalmente leprosos, significava um perigo à ordem social e política. Foucault chamou a atenção para o fato de que esse controle sanitário sobre os pobres mostrava uma parcela do problema político que a sociedade europeia enfrentou no século XIX: o controle dos espaços urbanos e das agitações sociais. O controle sobre os corpos e a saúde dos pobres assegurava não só controle das doenças, mas também um controle sobre a massa da população pobre e os espaços que ocupava nas cidades.

---

<sup>4</sup> Conforme o dicionário Houaiss a fisiocracia é uma “doutrina econômica e filosófica do século XVIII que se baseia no conhecimento e no respeito às leis naturais, considerando a terra como única fonte de riqueza e defendendo o liberalismo econômico” (p. 1350).

## A imprensa e a saúde em São João Del Rei no século XX: relações estreitas, mas discursos replicados

Ao observarmos de que maneira esse movimento das idéias reverbera nos jornais e revistas que circularam em São João Del Rei nas três primeiras décadas do século XX, percebemos que tratam-se de repetições das idéias citadas por Foucault.

Os doentes, tratados como urgências da comunidade, atravessavam os espaços com a indicação de médicos, remédios, curandeiros e vários outros elementos que poderiam “curar” esse defeito. Aqueles doentes, como pobres, deveriam recorrer ao conserto de seus problemas que afetavam a segurança da sociedade em crescente desenvolvimento.

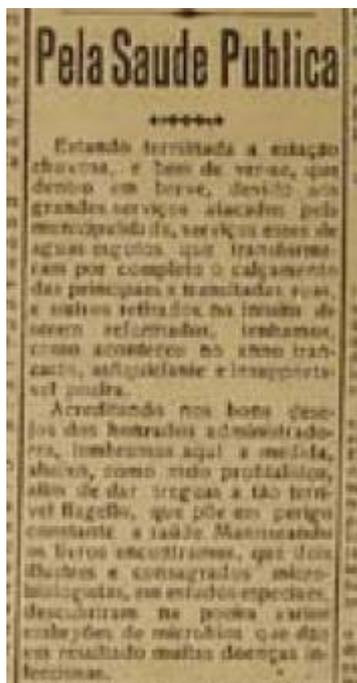
As propagandas de remédios eram sugestivas: compre, use e resolva os seus problemas. As prescrições eram claras, precisas e diretas. Os intelectuais que se arriscavam a falar sobre saúde muitas vezes usavam termos médicos que não eram compreendidos pela população, mas mesmo assim não deixavam de publicar textos informativos e até mesmo prescritivos.



Figura 1: Director: Herculano Velloso; Gerente: Luis Ávila. **O Correio**, S. João d'El-Rey, Anno V, Num. 255, 22 de Agosto de 1931.

Qualquer que fosse o remédio, este seria útil ao paciente. A medicina vegetal, de um padre, certamente misturaria princípios do senso comum, da medicina e da biologia, mas nem por isso deixaria de ser receitada aos leitores. Propaganda ou prescrição médica, ao nosso ver, a distâncias discursivas eram bem pequenas.

Colunas que defendiam a saúde pública, o bem viver e a procura pelo estar saudável conforme os princípios higienistas da época eram comuns nos periódicos:



**Figura 2:** Trecho de **Acção Social**-Semnario cujo alvo é trabalhar na realização dos princípios da sociologia christã e na defeza das classes operarias, S. João D'El-Rey, Anno II, Num. 67, 25 de Junho de 1916.

O Brasil, na passagem do século XIX para o século XX, foi cenário de um movimento de transformação de seus modelos sociais, pretensamente para atender a uma grande parcela da população por intermédio das escolas e da imprensa. Ambas tinham papel de dispositivo de formação e higienização da sociedade, tornando a educação dos cidadãos instrumento de constituição do corpo da nação.

A circulação do pensamento republicano marcou o movimento de reformulação do modelo social vigente naquele período, fazendo com que além da alteração de prédios, hospitais e casas de cuidado acontecesse, se desse também uma modernização dos saberes, que exigia a civilização e a produção de modelos.

Percebemos a preocupação com esses modelos, quando fotografias de moças, rapazes e até crianças saudáveis, robustas e gordas eram colocadas ao lado de textos que indicavam os bons costumes, a profilaxia de doenças e as regras da boa alimentação, da higiene e dos cuidados médicos. Trata-se não só de manifestações discursivas desconexas, mas sim uma rede de orientações que certamente chegavam

aos leitores como recados, pedidos ou até mesmo prescrições dos intelectuais médicos (ou farmacêuticos do período)

## Considerações Finais

A pesquisa em historiografia traz muitas contribuições às diversas áreas do conhecimento, e em nosso caso, à área de saúde. Perceber quais são os discursos que circulavam em décadas e até mesmo séculos passados, como as pessoas se relacionavam com esses discursos e de que forma determinados sujeitos, considerados intelectuais, se despontavam como produtores de saberes e conseqüentemente de discursos pode nos apontar amplos horizontes de compreensão das construções das práticas.

Trabalhar com arquivos e em específicos jornais de época nos possibilitou conhecer sujeitos, aprender saberes e construir relações que demonstram muito do que reproduzimos hoje em nossos discursos. Neste trabalho não apresentamos esses sujeitos, mas tentamos entendê-los e situá-los em suas posições de intelectualidade dentro de seu tempo, do seu espaço e das condições de produção. Procuramos demonstrar algumas observações, entretanto a massa teórica a que recorreremos demonstrou maior peso e pela dificuldade de leituras dessa natureza no meio da saúde, percebemos a importância de demonstrar tais reflexões.

## REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. 3. ed.. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Coleção Estudos).

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. 1968 – Sobre a Arqueologia das Ciências: resposta ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território e população**. Curso no Collège e France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do rio...os intelectuais cariocas e o modernismo**. *Revistas Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993. p. 62-77

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIRINELLI, Jean- François. **Le hasard ou La necessite?** Une historie em chantier: l'histoire dês intellectuels. In: Vingtième Sècle. Revue d'histoire, n. 9, janvier-mars 1986. p. 97 - 108

\_\_\_\_\_. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998

\_\_\_\_\_. Os intelectuais. In: RÉMOND, René(org.). **Por uma história política**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003